

FEBRA PSI

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

[61]

O OFÍCIO NO DIVÃ

O desafio para
a formação e
a prática da
psicanálise
no Brasil

XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise

Apoio a Inhotim
e Brumadinho

Cursos virtuais

Salvador sediará
5º CPLP





É com especial prazer que escrevo essas palavras, pois estamos prontos para vivenciar o XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise, cujo tema “O estranho: Inconfidências” homenageia, não só, os 100 da obra homônima de Freud, mas também permite à Febrapsi prestar sua homenagem à história mineira. Atraente e atual, essa temática é particularmente instigante, pois aborda também o fenômeno do Duplo.

Durante o congresso vamos nos deter nas questões que o texto freudiano suscita. Escrito em 1919, *Das Unheimliche* aborda a inquietante sensação de angústia, deflagrada pelo retorno de algo, há muito reprimido no íntimo da personalidade, que toca conteúdos inconscientes relacionados aos primórdios anímicos da vida humana, herdados filogeneticamente. O estranho assustador e inquietante nos conduz ao que é conhecido e familiar. Ao aflorarem “à luz do dia”, esses conteúdos nos surpreendem e amedrontam.

Inspirando-se no *Homem de Areia* de Hoffmann, e no “Duplo” de Rank, Freud descreve o fenômeno do duplo, a princípio como segurança contra a morte. Passada a etapa do narcisismo primário, muda de significado. Nos estágios posteriores do desenvolvimento do ego, passa a ser um observador crítico das atitudes do sujeito.

Na literatura é mais fácil do que na realidade identificarmos o fenômeno do duplo, de forma a causar a sensação de estranheza a que Freud se refere. Obras de autores como Dostoiévski, Poe, Stevenson (*O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*) ou ainda Oscar Wilde com o *Retrato de Dorian Gray*, dentre outros, exemplificam como o sobrenatural/fantástico causa o *unheimliche*, tendo no duplo o veículo por onde essas sensações inquietantes se manifestam.

No cotidiano nosso duplo permanece oculto e não somos capazes de assassinar nosso semelhante, como fazem alguns personagens da literatura, mesmo que intensas fantasias assassinas nos assaltem a alma. Quando a defesa que os mantém reprimidos falha, eles emergem e os crimes acontecem. Do contrário, essas fantasias assassinas permanecem restritas ao universo reprimido do Inconsciente, pois são por demais assustadoras e “estranhas” ao nosso *self* consciente.

Enquanto esse “duplo-estranho” segue no mundo da fantasia e/ou da obra de arte, estamos transitando no terreno da saúde. Testemunhamos recentemente, atônitos e horrorizados, o episódio acontecido em Suzano; mais um exemplo, dentre tantos outros, do horror que toma conta de todos nós quando esses impulsos saltam da escrita para a vida real cotidiana. Escapam do mundo inconsciente para a ação consciente. Também incrédulos e horrorizados testemunhamos os crimes acontecidos em Mariana e em Brumadinho; ambos movidos pela ganância exagerada, da mesma maneira que Dorian Gray foi movido pela vaidade exagerada.

Harmonizar os aspectos duplos de nós mesmos e manter a civilidade não cordata submissa, ao mesmo tempo em que preservamos a agressividade não destrutiva, é a tarefa última de todo trabalho analítico.

Tendo nosso congresso como moldura e tela, como assinala nosso colega Paim, vamos tratar também de outras temáticas fundamentais ao exercício da psicanálise. A sempre atual questão que diz respeito à regulação/regulamentação do ofício do psicanalista bate à nossa porta mais uma vez, com intensidade jamais vista no passado, constituindo-se em significativa ameaça à formação pelos padrões éticos que defendemos. Congregando mais de 1.100 inscritos, o Congresso de BH se apresenta como excelente fórum para o debate desse e de outros assuntos que dizem respeito à psicanálise. Nossa luta por uma psicanálise forte e ética continua!



Anette Blaya Luz
Presidente da Febrapsi

Um psicanalista trabalha entre a luz e a escuridão. Convida seu parceiro de trabalho, o analisando, a adentrar, juntos, espaços mentais sombrios, duvidosos, conhecer a si, trazer o desconhecido à luz. Freud nos ensinou, por meio de sua correspondência com Lou Salomé, que em uma análise é preciso emitir *um fecho de intensa escuridão* para que aquilo que esteja obscurecido pela intensidade da luz possa brilhar mais na escuridão.

A psicanálise carrega desde sua origem a qualidade de desacomodar conceitos, ser inconfidente, no sentido proposto pelo tema de nosso Congresso. Mas é também nossa responsabilidade preservar e cuidar do que foi construído por gerações de psicanalistas, desde Freud: nossa ciência e nossa prática psicanalítica, e elas dependem da defesa da instituição e da formação psicanalítica. Estamos transitando, aqui também, entre o claro e o escuro, o antigo e o contemporâneo, entre nossa tradição e a reinvenção conclamada pelos novos tempos.

Nosso ofício é mais uma vez ameaçado por interesses de grupos que querem se apropriar da prática da psicanálise sem compromisso com a história, o conhecimento e a ética psicanalítica. O risco é o de sempre, ou talvez maior: a qualquer hora podemos ser surpreendidos, para valer, por uma lei regulamentando a profissão de psicanalista, nos moldes que atendam a objetivos de grupos políticos, econômicos, religiosos ou outros, estranhos à psicanálise. O tema dos artigos desta edição, assinados por Hemerson Mendes, Wilson Amendoeira, Sylvain

Levy, Carlos Frausino e os colegas argentinos Silvia Acosta e Juan Pinetta, propõe reflexões aos membros Febrapsi, para que possamos discutir em nossas sociedades e grupos essas questões, fundamentais à prática psicanalítica no Brasil.



Cláudia Carneiro
Editora

A edição traz também as notícias do XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise, com uma programação diversificada, contemplando o Estranho e seus desdobramentos nos diferentes campos da teoria, da clínica, do social, da arte e cultura. E uma novidade: os congressistas poderão explorar e acompanhar todo o programa do Congresso por um aplicativo que poderá ser baixado em qualquer celular, disponível nas lojas Apple e Google Play. Além de receber avisos, acessar mapas e postar fotos, o APP permite criar sua própria agenda da programação do Congresso. Desfrute!

DEPARTAMENTO DE
PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

EDITORA: Cláudia Aparecida Carneiro
COMISSÃO EDITORIAL: Ceres Leonor Tavares, Eduardo de São Thiago Martins, Eliane Souto de Abreu, Gabriela Psczcol Krebs e Helena Lopes Daltro Pontual.

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Eduardo Balduino

CAPA – CONCEPÇÃO: Ceres L. Tavares
IMAGEM DE FUNDO: Coleção do site Lumière de l'Atelier / Autor desconhecido / www.lumieredelatelier.com

DIAGRAMAÇÃO E ARTE CAPA: Licurgo S. Botelho

IMPRESSÃO: Gráfica Camaleão

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Av. Nossa Sra. de Copacabana, 540 / sala 704
RJ – CEP 22.020-001

Tel: 55 21 2235.5922 | e-mail: febrapsi@febrapsi.org

www.febrapsi.org

Acesse as redes sociais da **Febrapsi** | Youtube | twitter | Instagram

Congresso Brasileiro terá mais de 700 trabalhos

Chegou o momento da 27ª edição do Congresso Brasileiro de Psicanálise, este ano realizado pela primeira vez na cidade de Belo Horizonte, sob os cuidados da anfitriã Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG). São esperados cerca de 1.200 participantes durante quatro dias de atividades, ente 19 e 22 de junho, no Centro de Convenções do Ouro Minas Palace Hotel.

Com o tema “O Estranho – Inconfidências”, escolhido pelo conjunto das Sociedades e Grupos de Estudos federados, a Febrapsi faz uma dupla homenagem: ao trabalho seminal de Freud, que completa 100 anos, e ao movimento mineiro dos Inconfidentes. “Belo Horizonte recebe o XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise e a alegria desse encontro ilumina Minas”, comemora a presidente da SBPMG, Edna Pires Guerra Tôrres. Durante a semana do Congresso a capital mineira receberá psicanalistas de todo o País, além de psicólogos, médicos, outros profissionais de áreas da saúde e humanas e estudantes universitários. As atividades pré-Congresso começam na terça-feira 18, com os Working Parties e a visita de grupos ao Instituto Inhotim.

Este ano, a programação científica do Congresso está mais diversificada. São nove eixos de reflexão: pensando a psicanálise; psicanálise e cultura; a clínica; o conceitual; uso de tecnologias; comunidade e social; infância e adolescência; didático e o institucional. Esses eixos concentram 143 mesas redondas, somando 430 trabalhos, 19 cursos, 147 temas livres, além grupos de discussão, exercícios clínicos, diálogos e outras atividades. Em torno de 700 psicanalistas e outros profissionais estarão envolvidos na apresentação e debate de trabalhos



teóricos, clínicos, sociais e culturais.

“Pensamos em um congresso que pudesse retratar a psicanálise brasileira, contemplando a clínica atual, com a clínica dos fracassos, os projetos sociais e conversas não psicanalíticas, além das atividades tradi-

cionais: debate e exercício clínico, mesas redondas, diálogos, grupo de trabalhos, cursos, temas livres e pôsteres”, explica a secretária do Conselho Científico da Febrapsi, Regina Klarmann (SPPA), que ao lado do diretor científico Ignácio Paim Filho ficou responsável pela estruturação de toda a programação científica do Congresso. “Nosso desejo é mostrar uma psicanálise viva e atual, contribuindo para a ampliação do pensamento científico”, afirma Regina.

Além da parte científica, o evento terá atividades sociais e culturais. E na



Regina Klarmann

terça-feira 18 acontecerá a atividade científica Sensibilidades Inhotim: Ao longo do dia, grupos organizados por comissão da Febrapsi, sob coordenação das diretoras científicas da SBPSP, Silvana Rea, e da SBPMG, Gisèle de Mattos Brito, visitarão o Instituto Inhotim e conversarão

com interlocutores de áreas vinculadas às artes. Outra novidade é que toda a programação do Congresso poderá ser acompanhada por aplicativo, disponível para qualquer celular.

A abertura do Congresso, na quarta-feira 19, às 19h, será no Palácio das Artes, um dos locais turísticos mais famosos e visitados da capital mineira. Outro endereço famoso de Belo Horizonte, o Automóvel Clube de Minas Gerais, foi escolhido para receber os congressistas no jantar de confraternização do Congresso, na sexta-feira 21.

Baixe o APP **CONGRESSO FEBRAPSI** em seu celular

Apoio a Inhotim e Brumadinho

Após as notícias estarem chocadoras da catástrofe ambiental e humana em Brumadinho, provocada pelo rompimento da barragem da Vale do Rio Doce, a Febrapsi suspendeu a organização da atividade científica pré-Congresso no Instituto Inhotim.

No entanto, depois de alguns meses, a Febrapsi retomou a realização da atividade, por entender a importância dessas ações para Brumadinho.

“Tomamos a decisão com o mais profundo respeito, para nos alinharmos à população de Brumadinho, que lentamente vai retomando a vida, com uma ferida que não vai cicatrizar, porque não pode e não deve ser esquecida”, afirmou Silvana Rea (SBPSP), da comissão organizadora. Foi também um apoio ao Instituto Inhotim, que conclamou o retorno da visita ao museu, do qual depende o sustento de grande parte de Brumadinho. Em maio,



o compositor Gilberto Gil, ao se apresentar no festival MECInhotim, também enfatizou a importância de movimentar a cidade para a população retomar a vida. A atividade “No Estranho: arte contemporânea e psicanálise” acontecerá no dia 18 de junho.

Arte mineira, seresta e contação de histórias

A programação cultural do XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise terá o especial toque mineiro. A Comissão local de Comunidade e Cultura, sob coordenação de Rossana Nicolliello Pinho, tratou de reunir uma amostra de várias expressões da arte e da cultura mineira, que serão apresentadas aos congressistas durante os quatro dias do evento. Obras de artistas e artesãos, além de produtos mineiros, estarão à venda no local do Congresso, no Ouro Minas Palace Hotel.

Na abertura oficial, no Grande Teatro do Palácio das Artes, o público do Congresso vai interagir com a contadora de histórias Beatriz Myrrha e conhecer o trabalho do projeto social Cariúnas, existente há 20 anos e responsável pela formação artística de centenas de crianças de baixa renda. A Febrapsi escolheu a Orquestra de Cordas e Coral Infanto-juvenil Cariúnas para abrir o Congresso, a fim de apoiar esse importante projeto. O trabalho com as crianças do Cariúnas pode ser visto também no hotsite www.congresso-febrapsi2019.com.br.

Para os dias seguintes, estão programadas várias atrações culturais: sarau literário, com roda de conversa sobre a história não contada do inconfidente Tiradentes; sarau poético-

-musical, com os Seresteiros de Diamantina e a contadora de histórias Beatriz Myrrha; sessões de cinema com debate; lançamentos de livros; performances e as bordadeiras Linhas do Horizonte, que bordarão um painel durante atividade da COWAP.

Um dos destaques da programação será a exposição Caminhos de Minas, que reunirá 25 artistas e artesãos mineiros, sob curadoria de Cynthia Rabello, gestora do Projeto Cultural Beagá Arte. Serão expostas obras de artesãos, ceramistas, escultores, pintores, designers de joias e de modas, fotógrafo, ilustradores, que em sua maioria estarão à venda no local. Amostra da exposição já pode ser acompanhada no Instagram: @caminhos.deminas_.

A apreciada gastronomia mineira será oferecida no Minas Mercado, espaço para a venda de quitutes, queijos, cachaças, vinhos, geleias, doces e especiarias mineiras.

“Mineiro, no seu jeito simples de ser, gosta de ofertar o que tem de melhor!”, resalta Rossana Nicolliello. “Nesse Congresso, queremos que os congressistas experimentem os sabores da gastronomia, que mergulhem no colorido da arte e que sintam o aconchego da rica cultura das Minas Gerais”, acrescenta. Os mineiros já esperam de braços abertos!



Rita Gomes



Gildásio Jardim



Mário Teles

CONSELHO, FEDERADAS E PRESIDENTES:

CONSELHO DIRETOR:

Presidente: Anette Blaya Luz
 Secretária Geral: Rosa Maria Carvalho Reis
 Tesoureiro: Wagner Francisco Vidille
 Diretor Científico: Ignácio Alves Paim Filho
 Diretor do Conselho Profissional: Hemerson Ari Mendes
 Diretora do Dep. de Pub. e Div.: Cláudia Aparecida Carneiro
 Diretora de Comunidade e Cultura: Leda Affonso Figueiredo Herrmann
 Diretora Superintendente: Maria Teresa Silva Lopes

ADMINISTRAÇÃO:

Gerente Administrativo Financeiro: Karel Ublo
 Assessora de Comunicação: Taís Maia
 Secretária: Januária Amorim

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Editora: Marina Massi
 Editor Associado: Leda Maria Codeço Barone

CONSELHO CIENTÍFICO:

Diretor: Ignácio Alves Paim Filho
 Secretária: Regina Klarmann
 SBPSP: Silvana Rea
 SPRJ: José Henrique C. Figueiredo
 SBPRJ: Moníca Maria Martins Aguiar
 SPPA: Maria Cristina Garcia Vasconcellos
 SPRPE: José Fernando de Santana Barros
 SPBSb: Lúcia Eugênia Velloso Passarinho
 SBPdePA: Eliane Grass Ferreira Nogueira
 SPPel: Bruno Salésio da Silva Francisco
 SBPRP: Alexandre Martins de Mello
 APERJ-Rio4: Rosa Maria Raposo de Almeida Albé
 SPMS: Débora Alexandre de Jesus
 SBPMG: Gisèle de Mattos Brito
 SPFOR: Maria de Lourdes Negreiros Lima

GEPG: Luciane Guelli Gifford Carneiro
 GEPCampinas: Vera Lucia Colussi Lamanno Adamo
 GPC: Sérgio Seishim Kaio
 GEP Rio Preto e Região: Elaine Tilelli Abbes

DELEGADOS

Bernardo Tanis, José Martins Canelas Neto, Paulo da R. L. Quinet de Andrade, Ronaldo Victor, Ana Maria Sabrosa Gomes da Costa Nogueira, Wania Maria Coelho Ferreira Cidade, Zelig Libermann, Cátia Olivier Mello, Alirio Torres dantas Jr., Magda Sousa Passos, Roberto Calil Jabur, Carlos de Almeida Vieira, Ana Paula Terra Machado, Ignácio Alves Paim Filho, Graciela Huecu Maldonado Loch, Rosaura Rotta Pereira, Silvana Maria Bonini Vassimon, Silvana Mara Lopes Andrade, Lindemberg Nunes Rocha, Rosa Maria Raposo de Almeida Albé, Miriam Catia Bonini Cadorniz, Leila Tannous Guimarães, Edna Pires Guerra Tôres, Thereza Cristina Paione Rezende, Regina Célia Cardoso Esteves, Petrônio Sá B. Magalhães Júnior, Luciane Guelli Gifford Carneiro, Álvaro Alves Velloso, Martha Prada e Silva, Joice Calza Macedo, Géio Marques Filho, Edna Romano Wallbach, Marly Terra Verdi, Osvaldo Luis Barison

PRESIDENTES DAS FEDERADAS:

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) Bernardo Tanis
 Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) Paulo da R. L. Quinet de Andrade
 Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) Ana Maria Sabrosa Gomes da Costa Nogueira
 Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) Zelig Libermann
 Sociedade Psicanalítica de Recife (SPRPE) Alirio Torres Dantas Jr.

Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSb) Roberto Calil Jabur
 Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) Ana Paula Terra Machado
 Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel) Graciela Huecu Maldonado Loch
 Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) Silvana Maria Bonini Vassimon
 Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro (APERJ-Rio4) Eliana Maria dos Santos Lobo
 Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS) Miriam Catia Bonini Codorniz
 Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG) Edna Pires Guerra Tôres
 Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR) Regina Célia Cardoso Esteves
 Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG) Luciane Guelli Gifford Carneiro
 Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas) Martha Prada e Silva
 Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC) Géio Marques Filho
 Grupo de Estudos de Psicanálise de São José do Rio Preto e Região (GEP Rio Preto e Região) Marly Terra Verdi

NÚCLEOS PSICANALÍTICOS

Núcleo Psicanalítico de Maceió
 Núcleo Psicanalítico de Florianópolis
 Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo
 Núcleo Psicanalítico de Salvador
 Núcleo Psicanalítico de Santa Catarina
 Núcleo de Psicanálise de Marília e Região
 Núcleo de Psicanálise de Uberlândia

Freud o Inconfidente e seus Estranhos pensamentos

"Eu não sou tolo para pretender que minhas conclusões nessas questões difíceis sejam finais. Mudei minhas opiniões repetidamente e estou decidido a mudá-las novamente a cada nova evidencia". (Freud, 1913)

Ignácio A. Paim Filho

Diretor científico da Febrapsi

Ser inconfidente, expressão ambígua, que suscita múltiplos estranhamentos. Segundo as definições correntes de nosso cotidiano, refere-se à traição, a ser desleal, infiel... Esses sentidos evocam, muitas vezes, sensações que remetem a uma falência do ser ético. Contudo, devemos lembrar que todo caminho que leva a transformações, com suas inovações, requer um quantum de traição à tradição.

Diante dessa proposição, o convite é para nos desprendermos do seu significado mais restrito e nos conectarmos ao sentido que o "ser inconfidente" traz consigo, quando associado ao legado do movimento mineiro do final do século XVIII, inspirado nas ideias iluministas: trabalhar em prol da independência, romper com o poder despótico, ousar ser infiel às ideias de um regime autoritário, pôr *sub judice* a hegemonia de um pensar totalitário. Quero crer que o republicano Tiradentes, o único inconfidente punido, estranhamente, com a morte, consista em uma significativa apresentação da especificidade do ser inconfidente: a traição em nome de um ideal de liberdade, um quantum de utopia em meio a tantas distopias. Somos convocados a pensar que *O Inconfidente* possa ter o status de um conceito próprio, que sua afinidade com *O Estranho* suscita.

Freud surge no mundo científico do final do século XIX, como aquele que virá *perturbar o sono do mundo* (Freud, 1914). Esse processo implica, muitas vezes, ficar à margem do saber

instituído: *frequentemente sinto-me tão sozinho como nos primeiros dez anos, quando era cercado pelo deserto* (Freud, 1915). Os postulados da sua ciência, estruturados e sonhados sob o conceito central do inconsciente das representações, com sua sexualidade infantil, nos (des) caminhos trilhados pelo complexo de Édipo em parceria com o complexo de castração, vêm para contrapor-se à soberania do saber do consciente, na contramão do pensamento positivista das suas origens.

O descobridor do inconsciente irá exercer sua função inconfidente – fiel ao princípio de um saber sob constante estranhamento – não só em relação ao universo das ciências, com suas *Weltanschauung*, como também às suas concepções: estranhos pensamentos, mobilizados por um permanente interrogar-se, inconfidente de suas próprias ideias: *mudei minhas opiniões repetidamente*.

Sua *ciência Unheimliche* é pródiga de momentos de ruptura, percalços que potencializam sua capacidade de desenhar e redesenhar as trilhas do seu pensar, possibilitando velhas/novas composições. Essas que surgem a princípio calcadas nas vicissitudes da pulsão sexual, na busca hedonista pelo prazer: *Projeto* (1895), *Sonhos* (1900), *Sexualidade infantil* (1905), *Totem e tabu* (1913), *Narcisismo* (1914), *Pulsões e destinos da pulsão* (1915), *Luto e melancolia* (1915)... Esse vasto contexto, balizador da sua metapsicologia e de suas recomendações aos que exercem a psicanálise, sofre um embate, com o postulado da pulsão de morte – a emblemática virada de 20: trair a si mesmo.

A inconfidência de 20, tendo como indicador uma estética que transpõe as bordas restritivas do belo (1919), sintetiza de forma paradigmática a postura freudiana do não se deixar acomodar, o não ficar submetido ao poder exercido pelo saber vigente: preponderância da libido, com seu móbil desejante, dialética da proibição e da aspiração. Com a entrada em cena do conceito subversivo – inconfidente – da pulsão de morte, a destrutividade, como forma de dizer não à positividade

absoluta da pulsão sexual, convoca Eros a trabalhar, configurando novas sensibilidades, revelando uma original faceta do mal-estar na e da cultura – o irrepresentável com seu ritmo pulsional vacilante.

Freud transcende o paradigma da *sociedade disciplinar* (Han, 2011), centrado na lógica do ataque e defesa, ao estrangeiro recalçado/presença de um excesso de negatividade: Tu deves. E antecede a problemática da *sociedade desempenho* (Han, 2011), lógica de um poder ilimitado/presença de um excesso de positividade: Eu posso. Narciso refaz sua história, numa relação de interdependência com o masoquismo. Essa conjunção determina a necessidade de elaborar e reelaborar sua teoria, lançando um olhar para o futuro.

Os intrigantes processos envolvidos na repetição, do estrutural à compulsão a repetição, delimitam a abrangência da força propulsora da busca pelo prazer: o traumático, a repetição do não prazeroso, amplia a complexidade do humano, requer novos aportes metapsicológicos. Emerge uma nova tópica (1923);

Convidamos todos a fazer do Congresso Brasileiro palco de reflexões sobre o Ser Inconfidente e seus estranhos pensamentos

a passividade antecede a atividade; o masoquismo ganha status estrutural, o sadismo a passar ser uma forma de apresentação desse. *A negativa* (1925) assinala a importância do disruptivo como fonte estimuladora de trabalho

psíquico. *Análise terminável e interminável* rega as inconfidências finais de Freud, o mito do eterno retorno produz ressonâncias desconcertantes: o mal-estar na cultura psicanalítica – limites do processo analítico, limites dos analistas.

Convidamos todos a fazer do XXVII Congresso Brasileiro um palco de reflexões sobre o "Ser Inconfidente" e os Estranhos pensamentos que perfazem as singularidades da psicanálise e dos psicanalistas brasileiros.

Eventos pré-Congresso Brasileiro



Jornada no GEP Rio Preto e Região, S. J. Rio Preto, fevereiro 2019



Jornada no GEPG, Goiânia, outubro 2018



Encontro na SBPRP, Ribeirão Preto, abril 2019

De Cabo Verde, rumo a Salvador

Depois de *As Rotas da Escravidão*, capital baiana sediará o próximo Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa

Por **Leda Herrmann**

Diretora de Comunidade e Cultura da Febrapsi

De certa forma a psicanálise é uma língua. A língua das vivências emocionais, da construção de sentidos no e pelo mundo e por seu homem. Língua inventada por Freud de que somos herdeiros para utilizá-la no idioma de nossas terras.

Assim podemos pensar os Congressos de Psicanálise em Língua Portuguesa que reúnem lusófonos dos continentes africano, americano e europeu e de países asiáticos onde aportaram navegantes portugueses dos séculos 15 e 16.

O último aconteceu no arquipélago de Cabo Verde, na cidade do Mindelo em novembro passado, organizado pelas comissões brasileira, a cargo da FEBRAPSÍ; portuguesa, sob os auspícios da Sociedade Portuguesa de Psicanálise; e a comissão local, africana, nas pessoas de diretoras da Associação de Psicólogos de Cabo Verde.

O tema, *Rotas da Escravidão*, escolha da comissão cabo-verdiana, de pronto se nos apresentou desafiador, herdeiros que somos de colonizados da América, de colonizadores europeus e de escravos arrancados de África para servirem a senhores em terras americanas e europeias.

Penso que o próprio local nos propiciou descobertas e inquietação. Foi em Cabo Verde, um arquipélago de ilhas vulcânicas e despovoado, que aportaram os portugueses com seus navios negreiros para organizar



as rotas do tráfico de escravos africanos para as Américas.

Findo o congresso e no entusiasmo pelo êxito de sua realização, para mim foram se construindo sentidos para a experiência vivida naqueles três dias. Para nós brasileiros, colonizados estrangeiros, representou o grande impacto de reviver a história como testemunhas da volta impossível a um passado, com colegas descendentes vivos desse passado apenas aprendido. Para os cabo-verdianos, o impacto do encontro com colonizados e colonizadores estrangeiros. Para os portugueses, o estranhamento que a condição de não mais colonizadores parecia custar-lhes descolar de suas peles.

Em 2020 o V Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa será no Brasil. Por isso estamos rumando a Salvador. Em nossa última Assembleia de Delegados, ocorrida em maio em Campinas, foi aprovada a oferta da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro para realização do congresso em Salvador, onde patrocina um Núcleo Psicanalítico.

Primeira capital do Brasil Colônia, Salvador foi dos primeiros portos das rotas que nos tomou o congresso de Cabo Verde. Que rotas nos inspirarão para o V Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa é tarefa para nos dedicarmos, FEBRAPSÍ e SBPRJ, com a colaboração imprescindível das comissões portuguesa e africana.

Cursos virtuais na agenda

A Febrapsi inicia em agosto a agenda de cursos virtuais com as *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* realizadas por Freud (1916-1917). Segundo a secretária geral da Febrapsi, Rosa Reis (SPRJ), a proposta é levar o pensamento psicanalítico a públicos de vários estados, iniciando pela oferta dos cursos aos membros das sociedades federadas e institutos de formação.

Um curso piloto foi proferido pelo diretor científico da FEBRAPSÍ, Ignácio Paim Filho, em novembro, com a participação de colegas da SBPSP, SPRJ, SBPRP, GepCampinas, SPPA, SPPel, GPC, SPRPE, SPBsb e GEPG. Esse curso já pode ser acessado no Youtube, no canal da Febrapsi.

Para o próximo semestre, foram convidados os psicanalistas Carlos de Almeida Vieira (SPBsb/SBPSP) e Alirio Dantas Jr (SPRPE) para discutirem, respectivamente, as conferências “A fixação no trauma e o Inconsciente” (31 de agosto) e “O caminho da formação dos sintomas” (19 de outubro). O último curso do ano está programado para 23 de novembro e será sobre “O trabalho dos sonhos”.



Rosa Reis

Febrapsi tem Comissão da Infância e Adolescência

A partir de agosto, as atividades científicas da Febrapsi em parceria com Federadas passam a contar com espaço para trabalhar os acontecimentos e desdobramentos dos primeiros anos: o infantil em pauta, a adolescência em cena. A Comissão da Infância e Adolescência, criada na Assembleia de Delegados de novembro passado e vinculada à Diretoria Científica da Febrapsi, teve composição definida na Assembleia de maio e será coordenada por Joyce Goldstein (SPPA).

“Estamos em condições de fazer uma produtiva interação das vicissitudes da sexualidade infantil, com todos os seus estranhamentos, nos diferentes segmentos que essa nos constitui; o infantil ampliando e criando sentidos”, disse o diretor científico da Febrapsi, Ignácio Paim Filho.

A Comissão da Infância e Adolescência foi constituída por solicitação de colegas que se dedicam à investigação e tratamento dessa população, para desenvolver o trabalho clínico, teórico e social, em parceria com as Federadas.

Tornar-se analista

No Brasil, o ofício de psicanalista e sua formação não são regulamentados. Posição historicamente defendida pela Febrapsi, a partir de consulta realizada entre seus membros no início do século. O atual modelo sustenta o funcionamento de nossas Federadas e seus respectivos Institutos.

A manutenção desse modelo tem como efeito colateral o fato de qualquer um poder se declarar psicanalista a partir dos mais peculiares tipos de “formação”.

Desde Freud, sabemos quais são as elaborações necessárias para tornar-se analista. Ele precisou elaborar a transição entre a identidade médica e a de psicanalista. Entre o modelo de psicologia existente e a psicologia profunda por ele criada. A elaboração da resistência da ciência oficial/acadêmica frente ao modelo da recém-criada psicanálise. A elaboração frente às implicações do papel social do analista na comunidade e/ou frente às crenças religiosas do seu ambiente familiar.

Nesse caminho, a angústia é atual, neurótica, de alarme, prototípica, o pânico, a morte, o (re)nascimento.

A publicação de *A interpretação dos sonhos* foi um momento fundante da psicanálise. Ela é o resultado da autoanálise de Freud e da elaboração do luto pela morte do pai; portanto, para se tornar analista é necessário um conhecimento maior sobre os conflitos, traumas pessoais e um amplo e aprofundado conhecimento sobre o funcionamento do seu inconsciente. Poderíamos seguir falando das elaborações do seu desenvolvimento psicosexual, elaboração da situação edípica junto ao Instituto de Psicanálise, ambiente no qual se reproduzem muitos dos conflitos edípicos.

Freud citou que analisar, educar e governar são funções impossíveis de serem exercidas. Contudo, o modelo proposto para “formar-se” analista é um tripé no qual podemos identificar estas três funções no processo. A formação analítica inclui a análise pessoal, ou seja, analisa-se com alguém, que exerce uma função impossível. Participa-se de seminários e supervisiona-se, processos nos quais não podemos eliminar o elemento educacional. Tudo “governado” pelos Institutos das Sociedades.

Formalmente, tornar-se analista é relativamente simples. Em geral não se têm tantas provas e exigências como nos processos de formação acadêmica; contudo, muitos candidatos demoram e postergam o final da sua formação. É como se a liberdade existente no processo implicasse um peso maior. Tornar-se analista não é um processo externo, ligado ao cumprimento protocolar de etapas. Requer um processo de elaboração interna, com implicações mais pessoais do que institucionais.

O processo de formação analítica é individual de auto-origem. Precisa-se elaborar

vários conflitos, alguns pessoais, mas outros são comuns a todos, desde os primeiros analistas. Outro aspecto é que as obrigações e o avanço formal nas etapas da formação não estão, necessariamente, em sincronia com o processo interno. Sendo assim, pode-se tornar-se analista, sem se sentir analista.

Tornar-se analista é um processo de constituição, construção, desconstituição, desconstrução, reconstrução, reconstituição, desconstrução, desconstrução (...) do próprio self. Isso se dá no calor da batalha da própria análise, no encontro analítico com os pacientes, nas supervisões, nas discussões de casos, seminários, leituras, releituras.

Entretanto, a ausência de qualquer regulação e/ou regulamentação do modelo da formação psicanalítica também se associa com inúmeras propostas de “formações”. Além de qualquer um poder se declarar psicanalista a partir desses peculiares processos.

Também corremos o risco de sermos atropelados por uma regulamentação que atingirá de maneira fatal nosso modelo de formação.

A psicanálise relacionou-se desde o início com vários ramos da cultura e da ciência. A medicina foi uma das primeiras. A questão da “regulamentação ou não”, tomando uma certa liberdade, passou por ela. Num primeiro momento, Freud buscou inserir a psicanálise e suas teorias ao modelo médico das ciências naturais da época; a noção de trauma tomada emprestada dos cirurgiões e/ou a especificidade etiológica das patologias infecciosas foi o refúgio buscado. Seria uma espécie de “regulamentação/validação”.

Entretanto, já mais seguro e experiente, em *A questão da análise leiga*, 1926, Freud escreveu:

“Eu me pergunto se o empreendimento da sedução dos médicos em relação à psicanálise deve, do ponto de vista da teoria da libido, ser reconduzida ao primeiro ou segundo dos subestágios de Abraham; trata-se aí, de uma apropriação visando destruir o objeto ou conservá-lo”.

Psicanalistas devem permanecer atentos ao uso dos vários tipos de aproximações de outras áreas da cultura, seja a ciência mercantilista com suas universidades de fundo de quintal, ou mesmo as religiões. No presente momento, no Brasil, vêm delas, não raro, associadas, as ameaças à psicanálise; por meio da insistente inundação de projetos de lei visando regulamentar a profissão de psicanalista. Neste caso, também devemos aprender com o equívoco de Freud que imaginou ser suficiente sua história, seu trabalho e seu reconhecimento



Hemerson Ari Mendes

Membro titular da Sociedade Psicanalítica de Pelotas / Diretor do Conselho Profissional da Febrapsi
hemerson@terra.com.br

para poder continuar vivendo e trabalhando em Viena até o fim de seus dias.

Freud citou José do Egito em *A interpretação dos sonhos*, poderíamos utilizar sua história para pensarmos como uma metáfora do processo, e suas intempéries, de tornar-se psicanalista.

Antes de ser chamado para interpretar os sonhos do Faraó, José sobreviveu a um longo processo. Como ele, o psicanalista precisa sobreviver aos ataques dos demais, mesmo quando estes vêm dos irmãos das neurociências, da psicologia cognitiva e comportamental (...). Também durante o processo de análise, em que o analista precisa sobreviver a ataques dirigidos ao pai, filho, irmão, amante, patrão (...), todos papéis que ele desempenha no cenário transferencial.

O trabalho é árduo, abstinente; quase escravo em culturas, muitas vezes, diferentes das suas. Os psicanalistas não podem cair na cantada fácil de prazeres com conotação incestuosa, mesmo que sofram retaliações. Precisam estar preparados para dar notícias/interpretações boas (libertadoras) e difíceis (sobre a morte). José foi lembrado, não porque fez boas previsões, mas, sim, porque fez interpretações corretas.

Os psicanalistas precisam estar preparados para anunciar a fatura (esperança/vida/criatividade), mas também a prolongada penúria (seca/esterilidade). Precisam planejar e governar – mesmo que esta seja uma missão impossível. Precisam perdoar, sem serem pusilânimes. Precisam acolher os perseguidores, porque água/comida não se nega nem para inimigo e muito menos para irmãos.

Precisam se preparar para serem pais dos pais, quando estes precisarem. José fez/foi tudo isso: um precursor dos interpretadores de sonhos, pretensiosos analistas, que mesmo sabendo das dificuldades, não desistem de exercer esta função impossível.

Ah, sim, também não devemos nos esquecer que Freud, em 1933, enunciou:

“Não acho que nossas curas podem competir com as de Lourdes”.

Psicanálise, regulação e tensão

Em uma aprazível noite, alguém pode, despreocupadamente, estar conduzindo seu *cabriolet* por uma larga avenida em velocidade de cruzeiro, cortando semáforos de amarelo para vermelho, supondo que nada cruzará seu caminho. Até que a realidade se imponha por meio de um caminhão que corta os semáforos de amarelo para verde.

Sabemos que os semáforos têm a utilidade de segurança e ordenamento e a psicanálise atravessou muitos amarelos.

Essa alegoria parece trivial, mas está vinculada à realidade em que nossa *práxis* está imersa e com a capacidade que nós, analistas e instituições, temos de sentir a realidade, aprender e apreender experiências.

Sabemos que os maus momentos, desagradáveis, geralmente são submetidos ao porão do esquecimento, mas à sua destruição (total)?

O caso da França, onde a sua Assembleia Nacional, há pouco anos, quase proibiu a psicanálise de tratar o autismo, e mais, submetia a “responsabilidade penal” os profissionais de saúde mental que se colocassem contra os “avanços científicos”. Ao final do processo, a psicanálise venceu a batalha.

Não foi aprovado. Mas a sua não aprovação foi um alarme que, embora europeu, deveria ecoar fortemente em nossos continentes.

Sabemos que a psicanálise sempre teve conflitos com a *Lei*, nasceu como resultado disso, como revelação, rebeldia e subversão. Deixaremos o termo *Lei* sem delimitá-lo, deixando-o à sua multiplicidade de sentidos. Mas há um fato irrefutável: a “realidade” sempre se impõe.

Ainda hoje há muitos colegas que continuam sustentando que o envolvimento de nossas instituições em questões regulatórias, legislativas e políticas públicas de saúde mental não se adequa à nossa especificidade, pois estamos além desses poderes.

Alguns também dizem que não temos que prestar contas de nossas práticas, pois não temos que nos submeter ao poder hegemônico normativo das estatísticas, dos diagnósticos nem dos poderes médico-psiquiátricos.

É verdade: a nossa ética é a do “um a um”, uma prática impossível de se normatizar, já que estamos nos dedicando à singularidade do singular que representa o paciente desde sua irredutível subjetividade e do seu inconsciente.

Também se argumenta que as leis aprovadas não afetam nossa prática, assim como

as regulamentações – por meio de portarias, resoluções e decretos – dos poderes executivos. Estamos além disso, pois “quem tem o desejo de se analisar chegará aos nossos consultórios”, outro dado da realidade que também não se questiona.

A realidade de um parlamento francês que quase proíbe a psicanálise de tratar patologias, como o autismo, não é importante; tampouco que no Congresso Nacional argentino há projetos de lei que definem e regulamentam que tipo de terapias, de certas patologias relacionadas a saúde mental, devem ser financiadas (reduzido, claro, a questões neuro-genéticas-comportamentais). Nem que na Espanha houve, em 2018/2019, um ataque revulsivo contra a psicanálise ou que no Parlamento brasileiro, frequentemente, há projetos de lei que buscam

Sabemos que a psicanálise sempre teve conflitos com a Lei, nasceu como resultado disso, como revelação, rebeldia e subversão. Deixaremos o termo Lei sem delimitá-lo, deixando-o à sua multiplicidade de sentidos. Mas há um fato irrefutável: a “realidade” sempre se impõe.

regulamentar o ofício de psicanalista, com os mais diversos critérios e com distintos interesses patrocinadores.

Tudo isso não importa, parece!

Em uma época marcada pela aceleração da velocidade da circulação de informações, pelo rompimento das relações de tempo e espaço, a falta de tempo para a reflexão aprofundada acerca da vida, acrescida da luta cotidiana pela sobrevivência, que reduz os espaços para pensar, e das crises urbanas que limitam a mobilidade das pessoas nesses espaços e outros, constituem, também, uma realidade que não pode ser ignorada pelos que exercem o ofício de psicanalista.

Nas últimas semanas, um grupo de psicanalistas da Sociedade Espanhola de Psicanálise publicou na revista “Questões de Psicanálise” um artigo intitulado “Sobre a psicanálise e psicoterapias de orientações psicanalíticas”, no qual, além de enumerar um conjunto de pesquisas e abordagens científicas sobre os efeitos da psicanálise, faz uma convocação para a “regulamentação da prática profissional

da saúde mental tanto no público quanto no privado”. (Laguna et al, 2019)

Isso, em meio a ataques diretos à psicanálise na Espanha com postulações de instituições que afirmam que a psicanálise é uma “visão puramente filosófica, totalmente alheia à ciência, [...] [que] como terapia nunca foi validada [cientificamente]”, de acordo com a APETP (Asociación para Proteger al Enfermo de Terapias Pseudocientíficas).

Não é a primeira vez que isso acontece, Mario Bunge, argentino, filósofo da ciência, durante anos atacou a prática psicanalítica, enfrentando o falecido Gregório Klimovsky. No Brasil, nos anos trinta do século passado, ocorreu um forte embate na Faculdade de Medicina de São Paulo acerca da eficácia terapêutica do método psicanalítico entre grupos de Antônio Carlos Pacheco e Silva e Silva e Durval Belegarde Marcondes, este último um dos pioneiros na difusão da psicanálise no Brasil

Claramente não é algo novo. Na primeira edição da *Revista Argentina de Psicanálise*, em 1943, Franz Alexander observou como “alguns clínicos ortodoxos e conservadores julgam esses fatos [o desenvolvimento psicanalítico] como uma ameaça aos fundamentos da medicina científica arduamente adquiridos e importantes autores alertavam contra esse novo “psicologismo” considerado incompatível com a medicina como uma ciência natural”.

A publicação recente dos colegas espanhóis Laguna, Camon, Requejo e Romera associou-se quase ao mesmo tempo com outra acerca do mesmo tema, essa no Observatório Psicanalítico da Febrapsi, no Brasil, em texto assinado por Wilson Amendoeira (SBPRJ).

Vale uma nota: na Argentina há uma Lei de Saúde Mental que exige que os profissionais atuantes nessa área tenham formação em psicologia (anteriormente reservado apenas para médicos e psiquiatras). Em outros países, como o Brasil, Peru e Venezuela não há legislação que trate do exercício da psicanálise.

No Brasil, a psicanálise é um ofício, não é determinada como uma profissão, não há legislação que a regule. Apesar da tramitação de projetos de lei no Congresso Nacional que visam a sua regulamentação. Wilson Amendoeira menciona que os evangélicos afirmam ter “treinado 25.000 psicanalistas”, o que nos dá uma dimensão dos impasses de tais questões no Brasil.

Isso pode não ser relevante, no âmbito da IPA, pois as formações, em nossos Institutos,



Silvia Acosta

Analista em formação da Associação Psicanalítica Argentina - APA
centrodrac@gmail.com



Carlos Frausino

Membro do Instituto de Psicanálise da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb)
carlosfrausino@gmail.com



Juan Pinetta

Membro da Associação Psicanalítica Argentina - APA
jpinetta@jpinetta.com.ar

são pautadas por uma ética ancorada na intensidade e no rigor da formação contínua, das supervisões e das análises pessoais. Portanto, estamos alheios à regulação dos Estados, porque nossas instituições vinculadas a IPA nos governam (e não sem conflitos!). Embora, há situações particulares, contextos e problemas diferentes.

Aumentando a problematização desse aspecto e dadas as especificidades das nossas formações, Amendoeira ressalta as dificuldades intrínsecas à uma regulamentação da formação e do nosso ofício, mas reafirma a necessidade de que as nossas instituições estejam presentes nas discussões acerca desse tema. Alertando que essa discussão no Brasil é antiga.

Na Argentina, pelo menos a partir da APA, foi formalizada a criação uma Comissão de Interação com o Parlamento, que tem um intenso trabalho de intercâmbio com órgãos parlamentares e executivo, tentando cruzar a várias propostas legislativas, discurso e compreensão psicanalítica, antes do avanço das diversas iniciativas parlamentares que descartam o subjetivo em favor de fatores biológicos. Não é a única iniciativa nesse sentido nas nossas associações.

Em 2000 foi criado, por iniciativa da Febrapsi e outras instituições psicanalíticas, o "Movimento Articulação das Entidades Psicanalítica Brasileiras" para discutir a formação de psicanalistas e prática psicanalítica. Os princípios que fundam e governam a dinâmica do Movimento são a ética da formação e seus postulados freudianos. A "Articulação", uma instituição da sociedade civil brasileira, também foi constituída em um espaço de discussão de propostas legislativas que visa regulamentar a profissão de psicanalista. Vale notar que nenhum projeto de lei, nessa direção, foi aprovado pelo Parlamento brasileiro.

No caso da Argentina, embora possa ser dito que até agora a psicanálise está "protegida" de ataques que refutam a efetividade do método psicanalítico, há iniciativas parla-

mentares que representam um forte ataque à psicanálise, especialmente com a geração de projetos regulatórios que validam as práticas terapêuticas "baseadas em evidências científicas", que geram discursos "científicos" que são assimilados pelos formuladores de políticas públicas em Saúde e Saúde Mental.

Em 2017 as associações APdeBA, APA e EOL emitiram um comunicado alertando sobre estas iniciativas que favoreceram o surgimento de políticas públicas em saúde mental em detrimento da subjetividade, a partir de conjuntos de dados estatísticos que visam gerar meros protocolos.

É interessante apontar o surgimento de novas práticas autorizadas por instituições privadas de saúde e em associações e sociedades classistas, que têm o status de psicoterapias, em áreas com curta formação, de dois ou três anos, e que, muitas vezes,

Ao mesmo tempo em que em algumas localidades a ausência de regulamentação estatal permite a proliferação de todo tipo de práticas que utilizam até mesmo o rótulo psicanalítico sem ser endossado pelo tripé de formação e pela sua ética formativa, em outras, a lei pode acabar criando obstáculos à nossa prática.

não possuem treinamento clínico ou psicopatológico.

Diante esse quadro, emergem questões: quais os limites da psicanálise (na sua formação/transmissão e ofício) para realizar uma transição para a regulamentação e/ou regulação? Ao mesmo tempo em que em algumas localidades a ausência de regulamentação estatal permite a proliferação de todo tipo de práticas que utilizam até mesmo o rótulo psicanalítico sem ser endossado pelo tripé de formação e pela sua ética formativa, em outras, a lei pode acabar criando obstáculos à nossa prática.

Nesse sentido, como evitar essa articulação com as normas jurídicas que "ultrapassam" o método e os procedimentos psicanalíticos? Podemos evitar a regulamentação? É possível escapar desses enquadramentos normativos?

Paradoxos da nossa prática, mas também de nossas vidas. Estaremos sempre diante aspectos da realidade que não devemos subestimar, porque nos impactam diretamente no nosso ofício e no nosso cotidiano.

Dessa forma e nesse quadro, a questão emergente é até onde podemos trilhar fora dos arranjos institucionais da legislação de cada país seguindo a nossa ética da formação psicanalítica e do exercício do nosso ofício.

Sigmund Freud queria estender o acesso da psicanálise à comunidade mais ampla, o que em nossos tempos, implica um desafio à liquefação da especificidade da psicanálise e da sua regulamentação/regulação positivo-científica.

REFERÊNCIAS

- Amendoeira, W. (2019) Notas sobre a questão da regulamentação. *Observatório Psicanalítico da Febrapsi*. <https://www.febrapsi.org/publicacoes/observatorio/observatorio-psicanalitico-902019/>
- Philonenko, A. & Rabain N. (2017) Psicoanálisis, autismo y política: el voto del 8 de diciembre 2016 en Francia. *Topia. Um sitio de psicoanálisis, sociedad y cultura*. <https://www.topia.com.ar/articulos/psicoanalisis-autismo-y-politica-voto-del-8-diciembre-2016-francia>
- Machado, A. P.T. (s.d.) Sobre a regulamentação da profissão de psicanalista. *Federação Brasileira de Psicanálise*. <https://www.febrapsi.org/quem-somos/articulacao/>
- Laguna, V.; Camón, R.; Requejo, B.; Romera, A. (2019) *Sobre el psicoanálisis y las psicoterapias de orientación psicanalítica*. <http://www.temasdepsicoanalisis.org/2019/02/05/sobre-el-psicoanalisis-y-las-psicoterapias-de-orientacion-psicoanalitica/>

O que é essa tal de Regulação

Em 2001, logo após a criação da “Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras”, quando fomos acossados pela apresentação de projetos de regulamentação da profissão, de origem evangélica, na Câmara dos Deputados, realizamos uma pesquisa com os membros e alunos dos Institutos da então Associação Brasileira de Psicanálise, apresentando três propostas, com uma breve exposição preparatória de cada uma delas através do nosso boletim ABP Notícias e obtivemos uma distribuição bastante parelha nas três (regulamentação, regulação ou manter a posição de oposição a qualquer regulamentação ou regulação do campo profissional), mas nos chamou a atenção o percentual obtido pela opção regulação, alcançando 35% do total de votos.

Ela, ali, foi apresentada como a ação de uma entidade validada por todas as instituições psicanalíticas, com a função de credenciar todas aquelas que fossem consideradas como pertencendo ao campo psicanalítico.

Esta entidade avalizaria as instituições componentes, não interferindo com os membros ou analistas em formação em cada uma delas. Seria a interface com a sociedade e a cultura, em questões que digam respeito ao exercício profissional, não tendo qualquer ação na modelagem ou formatação de como se dá a formação do psicanalista em cada instituição componente, desde que esta atenda o que poderíamos chamar de cláusulas pétreas da formação.

Essas, como estabelecidas pelo próprio Freud, enfatizam a exigência de que ninguém deve praticar a psicanálise se não tiver adquirido esse direito através de uma formação específica, que configura sua prática como um ofício, sendo que o psicanalista aprende e ganha qualificação em oficinas – os institutos de formação – nas quais, artesanalmente, no contato com outros analistas, desenvolve a sua análise pessoal, realiza os seus seminários para o aprendizado teórico e técnico e tem o seu trabalho supervisionado. Essa qualificação, portanto, não requer e não se ajusta aos modelos que podem sofrer algum tipo de certificação por instituições de ensino ou órgãos reguladores públicos; se existe um indicador, ele será, certamente, o de qual é a instituição que forma, quem são os seus componentes, que padrões são seguidos.

Antes de tecermos algumas ideias sobre regulação, contextualizemos, à ligeira, a evolução e como se apresenta essa questão atualmente.

Vivemos, em nosso país, tempos claramente distópicos. As configurações e a correlação de forças políticas, em nosso parlamento, são evanescentes e existe um cenário no qual tudo pode ser moeda de troca.

Como podemos manter a nossa postura histórica de apenas manter oposição a qualquer

projeto de regulamentação de nossa profissão, se até os Conselhos que regulamentam a profissão de psicólogo estão sendo alvo de ataque para que a estrutura do colegiado sirva ao endosso de práticas não científicas? Se, no campo da psiquiatria, se aprova um projeto no Senado, ressuscitando a internação hospitalar sem anuência do dito “doente” e recriando o tratamento asilar, possivelmente em larga escala, para usuários de “drogas”?

Já temos o embrião de um órgão regulador: o trabalho de praticamente vinte anos da Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, na qual convivem, debatem, lutam e perseguem os objetivos de uma prática psicanalítica a serviço da população, cerca de cinquenta instituições psicanalíticas, que labutam na construção de mecanismos de regulação da sua própria experiência. Os psicanalistas avançaram muito nesses anos, sob os pontos de vista clínico e teórico. Agora, a demanda é por novos avanços, avanços políticos, de forma coletiva, tomando a si a responsabilidade de dizer à sociedade quais são as instituições que respeitam o patrimônio psicanalítico, que formam analistas éticos e com os requisitos que se consolidaram em cento e vinte anos.

A psicanálise hoje faz parte da sociedade, está inserida nos recursos ao alcance do cidadão para tratar o seu sofrimento. Falamos, então, de um analista que recebe na sua clínica os efeitos da organização política e social de uma cultura sobre a formação da subjetividade.

Os psicanalistas, seguindo Freud desde Viena, criaram as instituições psicanalíticas – um espaço, um lugar, para compartilhar experiências, desenvolver estudo, oferecer suporte à formação psicanalítica, desenvolver o tornar-se solidário ao partilhar a experiência de psicanalisar pessoas, bastante solitária, com os seus pares.

Encontros regulares, seminários, discussões clínicas formam a agenda dessas instituições, clamando cada um dos seus membros a testemunhar a sua experiência. Nesse instante, eles tornam público o seu fazer entre os colegas de trabalho. É esse exercício cotidiano que inscreve o rigor e a ética da prática analítica. Cada escola vai interrogar os seus membros, os seus pontos de sustentação, a partir de uma lógica que orienta o seu funcionamento.

Ainda que essa lógica possa diferir de escola para escola, elas guardam em comum a tradição da psicanálise na transmissão da experiência analítica. Dessa forma singular, constroem a estrutura que dá consistência à formação do analista.

Conhecemos as diferenças da teoria e da prática psicanalítica entre as várias instituições que têm trabalhado juntas. A natural pluralidade de pensamento evidenciou a impossibilidade de uma transmissão padronizada



Wilson Amendoeira

Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro

amendoeira@globocom

ou de uma técnica uniforme. Os embates nas reuniões da Articulação apontaram a natureza essencialmente política do movimento, com a conquista de uma quebra de hegemonias e de uma predominância, então natural, de pluralidade de pensamento.

Como se constituirá essa entidade, esse órgão regulador, é um campo aberto para muita conversa, pois o que impediu, até hoje, a realização desta necessidade, foi a desconfiança, herdeira das cisões e exclusões que fazem parte da nossa história, e desconfiança é tratada com conversa, convívio, compartilhamento de luta, derrotas e vitórias.

Existem vários modelos que poderão nos inspirar, como a constituição do CONAR (Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária), com seu regulamento e prática sancionados pelos cinquenta anos de atividade.

Outra fonte de inspiração é o estatuto de funcionamento do Parlamento do Mercosul, com atribuição de proporcionalidades, na formação das bancadas, pela população de cada país, sendo estabelecida a presença de, ao menos, um representante, no nosso caso, de cada instituição psicanalítica.

As salvaguardas serão estabelecidas através de cláusulas pétreas, que garantam todas as instituições que aderirem.

Terminando, gostaria de sugerir que essa instituição deva ser dirigida por um Conselho, com reuniões espaçadas, mas que possa ser acionado agilmente quando se fizer necessário. Outro ponto importante a firmar é que não busca relação com os psicanalistas, mas, sim, com suas instituições.

Estes são os pontos cardeais, que deverão nortear, caso consigamos nos unir como exige este momento, o longo caminho para enfrentar os nossos desafios. Seu percurso não renuncia aos apoios e suporte de parlamentares que reconheçam a justeza de nossas demandas e que possam defender nossas posições no Congresso.

Apenas podemos criar uma entidade forte, que fale em nome de toda a comunidade psicanalítica e colha aí, neste lugar, a força e a energia necessárias ao combate pela causa psicanalítica.

Diferentes, mas não diferenciados

Nós psicanalistas da linha direta de Freud, pertencentes às sociedades componentes da IPA, nos consideramos diferentes, mas hesitamos em nos diferenciar.

Somos diferentes do resto da humanidade porque nos dedicamos a estudar, pensar, atuar e propor ideias que não têm paralelo. Para não pensarem que estou narcisicamente em estado de jactância, considero que os advogados, engenheiros, psicólogos, informáticos, entre todos os outros profissionais, gozam da mesma prerrogativa. Mas eles não têm receio de se diferenciarem das outras profissões e/ou de outros profissionais.

As leis da física quântica, surpreendentemente, autorizam uma partícula, um átomo ou uma molécula a existirem em diferentes estados ao mesmo tempo, o que se chama de estados superpostos. Podemos exemplificar usando um computador dos dias de hoje, um computador ordinário. Nele as informações são codificadas sob a forma de bits que só podem ter dois valores: 0 ou 1, conforme houver passagem ou não da corrente elétrica por um transistor ou espaço energizado pré-determinado. Os bits quânticos (qubits) podem simultaneamente assumir os valores 0 e 1. Isso acontece quando dois qubits interagem seus estados físicos, produzindo um emaranhamento e, mesmo que os dois sistemas não possam ser descritos de maneira independente, convencionou-se chamá-los de estados intrincados.

Este é um dos nossos dilemas da atualidade. Somos ordinários que precisam se diferenciar ou somos quânticos que precisamos do emaranhamento para sobreviver? Precisamos de um Édipo redivivo que decifre a nova Esfinge dos tempos atuais. O que é o que é, que de dia trabalha sentado interpretando, de noite participa de grupos e reuniões de

estudo, e de madrugada escreve sobre seus pensamentos?

Ganha uma passagem para Viena quem souber a resposta, com direito a estadia em Londres se tiver, ainda por cima, a ousadia de dizer.

Acredito que algumas questões foram superadas nesses 40 anos (a primeira investida para legislar data de 1978), embora já em 1957 o Ministério da Saúde, mediante o envio de simples Aviso Ministerial à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, autorizasse a prática da psicanálise por pessoas não formadas em medicina.

A proposição de regulamentar por lei, a partir de iniciativa da Febrapsi, está descartada, em função das dificuldades de “formatar a formação” dentro dos parâmetros educacionais brasileiros, da impossibilidade de garantir uma legislação que nos atenda – pela impossibilidade, também, de controlar o processo legislativo (sabe-se o que entra, mas não se sabe o que sai) e pela certeza de que, com o atual arcabouço legal, o Brasil seria o país do mundo com maior número de psicanalistas habilitados legalmente a praticar a psicanálise, pois bastaria uma declaração simples, com duas testemunhas, para que o interessado fosse aceito num hipotético Conselho Federal/Regional de Psicanálise.

A não ser que ideias novas tenham raído no horizonte, sobram duas hipóteses para a condução da questão da profissionalização. A quântica – não fazer nada para desemaranhar, ou a regulação, que seria o estabelecimento de normas elaboradas e baixadas pelo conjunto das sociedades e grupos psicanalíticos existentes e reconhecidos por nós mesmos. Essa fórmula serviria para definir perante a comunidade brasileira quem, nós psicanalistas, consideramos como tal.



Sylvain Levy

Membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília

sylvain.nahum@gmail.com

Para isso é necessário que haja um desejo de e uma ação correspondente daqueles que se autorizam como psicanalistas de sociedades e grupos que respeitam o tripé formativo, para se diferenciar daqueles que fazem cursos teóricos de psicanálise, mestrados e doutorados em psicanálise – em universidades reconhecidas ou não, cursos de psicanálise à distância – para alunos com graduação ou não, e outras “formações” que não levam em conta o tripé – curso teórico, supervisão e, principalmente, análise pessoal.

Conta uma lenda que um padre católico solicitou o reconhecimento de sua identidade judaica perante um tribunal israelense. O tribunal recusou, embora o padre tenha qualificado seu pedido com as seguintes informações: nascera em Israel, de pai e mãe judeus; fora circuncidado e fez o Bar Mitzvah; aos 18 anos emigrou para os Estados Unidos, se converteu ao catolicismo, entrou num seminário e ordenou-se padre. Retornou ao seu país de origem para praticar seu ministério e então solicitou sua certidão israelense. Sua demanda correu todas as instâncias e foi parar na Corte Suprema. Ali sua solicitação foi negada com base em uma consideração: Um judeu para ser considerado judeu deve ser reconhecido como tal perante a sociedade a qual pertence, o que não era o caso do padre católico.

Eventos pré-Congresso Brasileiro



Encontro preparatório no GEPCampinas, maio 2019



Pré-Congresso do Triângulo Mineiro, Uberaba, março 2019



Jornada “O Duplo” na SBPSP, São Paulo, novembro 2018



Simpósio na SPMS, Campo Grande, abril 2019



ABC Regional Sudeste

Congresso ABC discutirá os novos desafios da formação psicanalítica

Por **Cecília Cruvinel**
Presidente da ABC

A Associação Brasileira de Candidatos – ABC prepara-se para o maior e mais importante evento dos candidatos em formação psicanalítica no Brasil, o Congresso ABC, com o tema “O estranho em tornar-se psicanalista: novos desafios”. O encontro acontece no Hotel Ouro Minas em Belo Horizonte no dia 19 de junho e antecede a abertura do XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise. O tema é resultado dos cinco encontros regionais realizados pelo Brasil nos últimos 18 meses, nos quais se discutiu, entre outros tópicos, “O candidato em ação: instituição, clínica e cultura” e “Você banca sua formação?”

A organização do Congresso ABC ficou a cargo dos cinco conselheiros ABC: Bruna Fernandes (região Sul), Carlos Eduardo Souza (região Sudeste II), Helder Pinheiro (região Nordeste), Jane Fabian (regional Centro-Oeste) e Luciano Bonfante (região Sudeste I). No decorrer do encontro haverá a entrega do Prêmio

Virgínia Bicudo para o 1º, 2º e 3º vencedores e a apresentação de seus trabalhos. Também, a discussão de “Tornar-se psicanalista a partir das vivências do quarto eixo: ABC, OCAL e IPSO”, com a presidente da OCAL, Ximena Palabé, e o presidente da IPSO, Leonardo Siqueira.

Na quinta-feira 20, às 12h30, acontecerá Assembleia para a eleição da próxima diretoria ABC (2020-2021) e a prestação parcial de contas e atividades da atual diretoria. Para celebrar, a Festa ABC acontecerá no mesmo dia 20, às 20h. A inscrição para o Congresso ABC e para a Festa ABC pode ser feita no site www.abcpsicanalise.com.br. Os dois eventos são exclusivos para candidatos em formação psicanalítica pela IPA.

A diretoria ABC tem trabalhado arduamente para que esse Congresso seja um momento de profunda integração, de crescimento e trocas, de discussões consistentes sobre a formação psicanalítica e o vir a ser psicanalista. Será uma oportunidade também de conhecer os colegas do Brasil e do mundo. A ABC aguarda todos os candidatos em Belo Horizonte!

Febrapsi contrata assessoria parlamentar

A Febrapsi efetivou a contratação de uma assessoria parlamentar, decidida em reunião do Conselho Profissional, para cuidar do interesse coletivo dos membros Febrapsi no Congresso Nacional. A assessoria está a cargo do jornalista e consultor político Eduardo Balduino. O objetivo é acompanhar proposições legislativas que possam interferir no exercício da psicanálise como a defendemos. Por exemplo, tramita hoje no Senado projeto de lei que determina a regulamentação da profissão de psicanalista e outro que cria a profissão de terapeuta naturista e inclui na categoria a psicanálise. Cabe à assessoria parlamentar sugerir ações em defesa da psicanálise e seus padrões éticos.

GEP Rio Preto e Região congrega Noroeste Paulista

O Grupo de Estudos de Psicanálise de São José do Rio Preto e Região nasceu da necessidade de se organizar os psicanalistas dispersos em várias cidades e oferecer a formação psicanalítica na região Noroeste Paulista. Composto por psicanalistas originalmente filiados à SBPSP e à SBPRP, o grupo foi reconhecido pela International Psychoanalytical Association (IPA) em 2018, quando também passou a fazer parte das entidades federadas da Febrapsi.

Desde 2016 o Grupo de Rio Preto e Região faz a junção de várias entidades psicanalíticas da região, agregando 36 profissionais e prezando pelo respeito à diversidade e história de cada grupo. Atua na promoção de atividades de psicanálise abertas à comunidade e busca incentivar os profissionais psicólogos e médicos a se congregarem em ambiente de discussão e desenvolvimento na teoria e na prática psicanalítica.



Novo Grupo Rio Preto

“Estamos honrados e animados para esta tarefa que trará para o Noroeste do Estado uma formação que antes exigia de todos nós um longo percurso de vários anos de estudos em São Paulo ou em Ribeirão Preto”, afirmou

a presidente do GEP, Marly Terra Verdi. O GEP Rio Preto e Região é a quarta instituição da IPA no Estado de São Paulo e é acompanhado pelas *sponsors* Viviane Sprinz Mondrzak e Sônia Eva Tucherman.